

# Os movimentos sociais em 2016 e a relação política dos jovens com as mídias e redes sociais:

um relato de experiência

Por Gabriela Berwanger<sup>1</sup>

Ouve-se muito no Brasil que as novas gerações só se interessam pelas tecnologias e redes sociais e que elas são despolitizadas. De fato, as gerações mais novas, que já nasceram em um mundo globalizado e cercadas de tecnologias, adoram (e me incluo nesse grupo) as redes sociais como forma de expressão, comunicação e organização. Porém, a afirmação de que as gerações mais novas são despolitizadas é falaciosa. Eis o porquê.

No primeiro semestre de 2016, realizei o estágio de licenciatura em História no Ensino Médio no Instituto de Educação General Flores da Cunha e não experienciei o que muitos, costumeiramente, afirmam acerca dos jovens e adolescentes de hoje em dia. Pelo contrário, logo que apresentei o conteúdo e apliquei um questionário para melhor conhecer os alunos, a turma 213 se mostrou interessada em questões políticas, raciais e de gênero. Aproveitando a situação, nas primeiras duas aulas utilizei os conteúdos de colonização da América do Norte e as 13 colônias, focando as questões da imigração inglesa e da escravidão nas colônias do sul para atender a essa demanda de assuntos que os alunos tinham interesse em discutir. Os planejamentos das aulas eram os seguintes:

**AULA 1 (31/03):** Apresentação do plano de ensino, aplicação de um questionário para melhor conhecer os alunos e introdução do conteúdo da expansão colonial inglesa e a fundação das 13 colônias.

Conceito: expansão colonial; colonização.

Problematização: Os Estados Unidos estão passando por um processo de seleção dos candidatos que vão concorrer às eleições presidenciais em novembro de 2016. Donald Trump, candidato republicano, tem opiniões polêmicas com relação à imigração nos Estados Unidos e defende o fechamento de fronteiras e a deportação dos imigrantes já instalados no país. Diante desse problema, questiona-se: quem são os verdadeiros nativos norte-americanos e quem foram os primeiros imigrantes nos Estados Unidos? Que relação eles têm com a expansão colonial inglesa?

Debate sobre charge com relação aos imigrantes nos

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contato: gabrielabr@hotmai.com.

Estados Unidos.

Link da imagem:  
<http://themetapicture.com/media/funny-comic-illegal-immigrants-indian.jpg>

**AULA 2 (07/04):** A escravidão nos Estados Unidos. Aula expositiva e dialogada sobre a escravidão na região sul dos Estados Unidos e sua relação com o racismo no país e com os casos de racismo cometidos pela polícia estadunidense nos últimos anos em determinadas cidades do país. Os alunos assistirão ao clipe "Formation", da cantora Beyoncé — no qual a artista critica fortemente o racismo nos Estados Unidos e a violência policial —, para suscitar uma discussão acerca do tema.

Conceito: racismo.

Problematização: de que forma a escravidão se relaciona com o racismo e a segregação racial nos Estados Unidos? Qual a relação do racismo com os acontecimentos recentes de violência de policiais brancos contra cidadãos negros no país?

Na primeira aula, portanto, a problematização foi uma tentativa de trazer fatos que os alunos conhecem pelas notícias para a sala de aula e contrastar com a questão dos imigrantes ingleses que colonizaram a região onde hoje são os Estados Unidos — considerando que um dos candidatos mais populares à presidência no ano de 2016, e que encontra representação em milhões de cidadãos estadunidenses, é fortemente contrário a imigrações, principalmente de mexicanos, para o país. Diante desse impasse, foi apresentada uma charge retirada do Facebook sobre o assunto, e a maioria dos alunos prontamente apontou que é, pelo menos, questionável que Donald Trump encontre representação contra os imigrantes em um povo que é justamente, em grande parte, descendente dos imigrantes ingleses que promoveram o genocídio dos nativos americanos para a colonização do território.

Na segunda aula, o foco foram as colônias do sul do país por conta do modelo escravista muito parecido com o que foi implantado no Brasil colonial. Nesse caso, a tecnologia e mídias foram aliadas e deram suporte à parte central da aula: a discussão sobre as origens do racismo nos Estados Unidos e suas consequências nos dias de hoje. Para levar a discussão da influência do sistema escravista ao racismo na atualidade, foi apresentado aos alunos o clipe da música "Formation" (retirado do Youtube), da cantora Beyoncé, lançado no início de 2016, na qual a artista critica o racismo e casos de violência de policiais brancos contra cidadãos negros. Os casos geraram diversos protestos no país, e o clipe virou febre na Internet logo após ser lançado. Além disso, uma apresentação da cantora no Super Bowl, principal campeonato de futebol americano do país, foi alvo de polêmica e ficou entre os tópicos mais falados do Twitter por trazer a questão do racismo para dentro de um evento considerado representativo da cultura estaduni-

dense, que, por sua vez, é altamente racista. As questões levantadas na aula se referem à relação entre o sistema escravista, o racismo no país e a violência policial nos Estados Unidos e ao papel da música e do clipe na crítica e contextualização desses problemas. Essa provocação resultou em polêmica e em discussões intensas entre os alunos sobre o racismo e a violência policial que muitos já sofreram, ou pelo menos presenciaram, relacionando-se diretamente com experiências pertencentes às realidades desses jovens, que não diferem muito do que acontece hoje no resto do país — e que certamente não é novidade. O que é novidade, porém, é o modo como esses jovens têm se posicionado com relação a essas questões e o modo como tecnologias, redes sociais e mídias têm ocupado um papel importantíssimo na formação de opiniões, trocas de experiências, complementação de conhecimentos adquiridos em ambiente escolar e até mesmo organização de movimentos sociais.

Assim, não apenas essas aulas citadas, mas todas as aulas que ministrei, tiveram sempre um cunho no sentido de abordar questões que pudessem ser trazidas de redes sociais e de esferas em que os jovens interagem, assim como aspectos que passam por sua politização e que pudessem ser relacionados às suas realidades. É fato, afinal, que esses movimentos e que a demanda de discussão de aspectos políticos relacionados aos conteúdos obrigatórios em sala de aula têm relação direta com as redes sociais, pois é por meio de âmbitos como o Facebook e Twitter que se dão grande parte das discussões desses jovens acerca desses temas, que são frequentemente levados por eles para dentro da escola. Dentro dessas discussões políticas em meio online, algumas têm chegado a consequências muito reais fora da rede.

A mobilização mais forte e que parece ter dado o pontapé inicial em uma série de movimentos de cunho político organizado por meio das redes sociais foi a série de protestos que se deram em 2013 — inicialmente por reivindicações por conta do preço da tarifa do ônibus, mas que logo ampliaram-se e tomaram outros sentidos além do motivo inicial. Tratando-se de 2016, porém, é possível visualizar algo novo: ao contrário de 2013, há uma maior polarização nesses movimentos, tendo visões políticas bem definidas, e também uma mobilização por meio de redes sociais ainda maior. Um fato central dessa mobilização da juventude que pode ser apontado para ilustrar a forma que esses movimentos tomam em 2016, além dos protestos que tomaram as ruas contra e a favor do governo, são as ocupações das escolas iniciadas no estado de São Paulo, mas que logo tomaram o Rio Grande do Sul. Nesse momento, o Instituto de Educação Flores da Cunha encontra-se ocupado por estudantes que reivindicam uma série de melhorias com relação à estrutura e às condições de aprendizagem que se encontram absurdamente defasadas em grande parte das escolas municipais, mas principalmente estaduais, do

Rio Grande do Sul.

Partindo desse ponto, portanto, é importante ressaltar que, assim como os grandes movimentos que já vinham sendo organizados pela Internet desde os protestos de 2013, o ano de 2016, até então, está permeado de movimentos que foram articulados principalmente por jovens por meio de redes sociais, e a ocupação do Instituto de Educação não foge à regra. O problema, porém, é que, assim como a falácia de que jovens são despolitizados, também é comum ouvirmos incoerências acerca dos movimentos de ocupação. Tendo em vista, então, desmistificar essas questões, visitei a ocupação com o intuito de ir além do senso comum com relação a esse movimento e entender como se deu a ocupação na escola. Para isso, entrevistei uma aluna que se dispôs a explicar como se deram os eventos. Questionada sobre como havia surgido a iniciativa de ocupar a escola, a aluna prontamente respondeu que havia sido por meio de conversas entre alunos em um grupo do Whatsapp. Passado menos de um dia, a escola já estava ocupada por dezenas de alunos de diferentes turmas que, segundo ela, estavam passando por um grande processo de aprendizagem — na medida em que passaram a conviver com colegas de outros turnos e tomaram para si a tarefa de limpar e prezar pela manutenção da escola. “A gente não tinha noção de que era tão difícil cuidar de um lugar tão grande”, disse ela. E, novamente, ao contrário do que se lê na Internet e fora dela daqueles que são contra as ocupações, os alunos não estavam depredando o patrimônio; estavam cuidando e reivindicando que o Estado tivesse o mesmo cuidado que eles criaram e aprenderam a ter pela escola.

- “O que você tem a dizer para quem é contra as ocupações e justifica sua posição dizendo que os alunos são baderneiros e que estão depredando as escolas?”, perguntei.

- “Eu diria para eles conhecerem antes de falarem. Isso é um convite para que venham conhecer a ocupação e tirar suas próprias conclusões, porque não é o que acontece de verdade. Muito pelo contrário. A gente tenta sempre manter tudo limpo e organizado. Cada um lava suas coisas, e tem o pessoal que ficou responsável pela limpeza também. A gente fez até um mutirão para limpar as pichações da escola. A gente só não pode fazer mais porque a escola está em processo de reforma no pátio. Para pintar ou fazer algo a mais, precisaria de autorização do governo, porque é patrimônio público”, disse a aluna I.M.

- “E sobre quem diz que vocês estão impedindo os outros de terem aula?”, perguntei.

- “Todas as decisões são tomadas em assembleias. Foi feita uma assembleia para consulta sobre a possibilidade de ocupação, e a maioria votou a favor. Não estamos tendo aulas convencionais, mas organizamos aulas diferenciadas e atividades complementares. Inclusive pensando em quem vai prestar vestibular no fim do ano, organizamos uma ofi-

cina sobre as leituras obrigatórias do vestibular da UFRGS. Tivemos oficinas de textos, aulas sobre igualdade de gênero, racismo, história, nutrição, química... Enfim, estamos tendo aulas diferentes, e vem quem quer. O ideal seria que a gente nem tivesse mais aulas daquele modelo convencional, porque não funciona. A gente queria um modelo mais horizontal, mas é difícil isso se manter depois que a ocupação acabar. Mas é certo que a escola não vai ser mais a mesma depois da ocupação”.

Ao contrário do que muitos pensam, na verdade o discurso da aluna que entrevistei, as pautas de reivindicação, a organização de tarefas e atividades complementares na escola demonstram um interesse em manter a escola funcionando, porém de forma diferente do convencional. Para os alunos, a ocupação tem um significado político, e a mensagem é clara: alguma coisa tem de mudar, seja no modo como o país e a sociedade lidam com a questão da educação pública ou até mesmo nos paradigmas de como ela é organizada. E isso fica bem claro na página da ocupação no Facebook, “Ocupa IE”, onde estão listadas as pautas e objetivos da ocupação nessa escola. Entre elas, citam a necessidade de melhores condições de estrutura, maiores recursos por aluno para merenda (o valor atual é de R\$ 0,30 por aluno), mais segurança nos arredores da escola e acesso ao plano político pedagógico. Em outras palavras, o cunho político desse ato de ocupação da escolar está evidente, e as redes sociais são ferramenta fundamental na consolidação desses movimentos e fazem parte da realidade dos alunos de forma tão enraizada, que dialogam diretamente com o modo como esses jovens se posicionam com relação a seu próprio processo de aprendizagem. De acordo com Juarez Dayrell<sup>2</sup>,

a juventude pode ser vista como uma ponta de iceberg, no qual os diferentes modos de ser jovem expressam mutações significativas nas formas como a sociedade “produz” os indivíduos. Tais mutações interferem diretamente nas instituições tradicionalmente responsáveis pela socialização das novas gerações, como a família ou a escola, apontando para a existência de novos processos.

Nesse caso específico, essas mutações com relação ao modo como os jovens se percebem no mundo, na sociedade e como se manifestam por meio das plataformas online vieram para ficar — e já estão alterando sua relação com as instituições. O melhor exemplo disso são as ocupações das escolas em 2016, articuladas em grande parte por meio das redes sociais.

Assim, é possível concluir que, ao contrário do que muitos afirmam, os jovens das gerações que hoje dominam as redes sociais e o mundo online estão longe de serem despolitizados. Desde as demandas de discussão nas aulas, as pautas pelas quais os alunos se interessam e trazem da Internet para debater em aula e relacionar aos conteúdos, as discus-

<sup>2</sup> DAYRELL, Juarez. 2007, p. 1114.

sões dentro e fora da escola e o fato de que a grande maioria de movimentos organizados no país nos últimos três anos — entre eles a ocupação do Instituto de Educação Flores da Cunha — foram organizados por meio de redes sociais como Facebook, Twitter e Whatsapp, é provado veementemente o contrário do que se diz acerca das chamadas gerações mais novas.

Basicamente, por mais que essas redes sociais tenham como uma das funções o entretenimento, esse caráter não anula a possibilidade do uso das redes sociais e da Internet por jovens para outros fins, como a organização e articulação para movimentos de cunho político, com reivindicações palpáveis, calcadas nas experiências reais desses jovens em ambiente escolar.

De fato, os jovens gostam muito das redes sociais, mas isso não lhes faz necessariamente alheios ao mundo fora dela: na verdade, hoje em dia sua politização passa também pelas redes e mídias sociais, e é nesse âmbito que ocorre grande parte das discussões e mobilizações sociais nos dias de hoje — e que se concretizarão no mundo real. Por conta disso, é importante desmistificar aspectos sobre a juventude dos dias de hoje e sua relação política com as redes sociais e ir além do senso comum, pois só assim será possível perceber que o modo como os jovens de hoje em dia se colocam no mundo pode não ser menos significativo que os das gerações passadas, mas diferente e extremamente produtivo do ponto de vista de resultados. É o que se espera das ocupações das escolas em 2016 e dos movimentos políticos organizados por jovens por meio e influência das redes sociais.

## Referências Bibliográficas

ARAÚJO, V.D.L. **O impacto das redes sociais no processo de ensino e aprendizagem.** Disponível em: <<https://www.ufpe.br/nehete/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Veronica-Danieli-Araujo.pdf>>. Acesso em: 16 de junho, 2016.

BEYONCÉ. [clipe da música “Formation”]. **YouTube.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LrCHz1gwzTo>>. Acesso em: 23 de junho, 2016.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*,

Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

LIMA, L.; MEIRINHOS, M. (2011). **A presença social e cognitiva em ambientes de aprendizagem virtual**: estudo de caso com alunos do ensino secundário. *Edu-ser*, n.º 1 (vol. 3). Disponível em: <<http://docplayer.com.br/6580113-As-redes-sociais-na-promocao-da-aprendizagem-colaborativa-um-estudo-no-ensino-secundario.html>>. Acesso em: 18 de junho, 2016.

OCUPAIE. [grupo pessoal]. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaIE/>>. Acesso em: 07 de junho, 2016.